

A geração das compras

Um olho na vocação e outro no desemprego

Droga: curiosidade e prazer

Jovens estão com o copo cada vez mais cheio

Os jovens e o uso do cigarro

Sexo: mais cedo e mais variado

Retratos dos jovens do século 21

Nos cinemas de SP, nem só a pipoca é salgada

A "Amelização" de Paris

Diferenças entre os sexos

Onda flash mob invade o mundo

O poder do PC e da net pulou aos nossos bolsos, diz guru tecnológico

edições anteriores

**COMPOR-
TAMENTO**

Um olho na vocação e outro no desemprego

Por Ana Paula Chinelli, repórter IG em São Paulo

SÃO PAULO - Os jovens de hoje são livres para escolher a profissão que querem ter? Apenas aparentemente: além de se preocuparem com as expectativas dos pais, também se apavoram com as péssimas perspectivas do mercado de trabalho. "Fazer uma escolha não é fácil, em qualquer idade" afirma Silvio Bock, pedagogo, mestre em educação e diretor do Nace, um grupo de orientação vocacional

Silvio Bock recebe todos os meses jovens com dificuldade em escolher uma profissão e conhece a principal angústia dos adolescentes: cursar uma faculdade e não conseguir atuar no campo em que se formou por causa do desemprego. "Eles vêem parentes e amigos que perdem emprego e mudam de função. Eles têm medo de passar por isso também", afirma Bock.

O medo é bem fundamentado: os jovens de 18 a 24 anos correspondem a 36,4% dos desempregados do País e a taxa de desemprego entre as pessoas de 15 a 24 anos é o dobro da média nacional. Em junho, a taxa de desemprego foi de 13%, em alta pelo sexto mês consecutivo e no maior patamar desde outubro de 2001, quando começou a ser medida mensalmente pelo IBGE.

Pensando em destoar das estatísticas, Carlos Felipe Buchalla, de 17 anos, vai prestar vestibular no fim do ano para engenharia aeronáutica. "Escolhi essa faculdade porque gosto de aviões e o mercado de trabalho tem vagas afirma.

Mas ele não quer ser engenheiro. Buchalla quer ser comandante e começa no próximo ano um curso de pilotagem. Precisa de faculdade para ser piloto? "Não, mas quero ser muito bem qualificado. Assim vou ter emprego garantido", acredita.

Não é bem assim. A situação não está mais confortável nem para os que dedicaram mais de 11 anos aos estudos, pois 40,1% dos desempregados tem ensino médio ou superior completos. O desemprego também cresce mais entre os de formação universitária. "Os profissionais estão hiperqualificados, mas não há vagas", conclui Bock.

Mesmo quando a função não exige, os empregadores querem formação universitária do empregado. "Época dos pais, se eles se formassem tinham a vaga praticamente garantida. Hoje, o nível de exigência subiu e os jovens pensam, antes mesmo de entrar na faculdade, que terão que fazer pós-graduação" disse Silvio Bock.

Como escolher uma carreira?

O primeiro passo, segundo o pedagogo, é derrubar os mitos de que a descoberta será "natural e espontânea". "Escolher dá trabalho e não é necessariamente gostoso. Por isso, o processo tem que ser tratado de forma séria", disse. Afinal, são mais de 150 cursos de faculdade e infinitas possibilidades de carreira.

Ele acredita que os testes vocacionais estejam ultrapassados. Na hora da escolha, vale fazer um projeto de vida, conhecer suas habilidades e aspirações, reconhecer e levar em conta as influências - como expectativa dos pais e situação do mercado -, observar o mundo em que se vive e definir como o jovem gostaria de intervir nesse mundo. (faça um jogo no site do estudante).

Bock recomenda que os pais deixem claro quais são as expectativas que têm com os filhos. "Eles devem emitir opiniões, não se omitir", afirma. Se a profissão que o filho quer não agrada o pai, este deve colocar seus motivos, mas sem autoritarismo. "É importante para o filho saber o que os pais pensam, mas os pais não podem esperar que o filho vá obedecê-los cegamente".

Arqueologia era a primeira opção de Karen Baba, de 18 anos, quando os pais perguntaram o que ela pretendia fazer. A resposta deu um susto na família. "Meus pais argumentaram que era uma profissão que não tinha muito mercado, nem investimentos no Brasil. Eu provavelmente iria sofrer muito", conta Karen achou válida a opinião dos pais e mudou sua opção. Agora ela cursa publicidade. "Estou adorando", conta.



Carlos Buchalla quer ser piloto de avião, mas vai estudar também engenharia

Diferente da geração anterior, esta tem menos ímpeto para contrariar os mais velhos. De um lado, a família está menos autoritária. Do outro, os jovens querem retribuir o empenho dos pais em lhes dar oportunidade de estudar.

O sucesso dessa retribuição não é certo. Paula Weissmann, de 20 anos, começou a faculdade de moda "totalmente influenciada pela mãe", que é estilista. "Queria deixar meus pais orgulhosos e achei que teria as portas abertas no mercado, por causa da minha mãe", disse. A decepção com a carreira foi grande e ela voltou para o cursinho. "Agora vou escolher por mim", avisa.

A situação de Paula não é incomum. 30% a 40% dos estudantes que ingressam na faculdade desistem de se formar na carreira. "As pessoas não dão a devida atenção na hora de escolher", sentencia Bock. Para ele, não dá para culpar a suposta falta de maturidade dos jovens, que definem a profissão entre os 17 e 18 anos - para os que têm possibilidade de fazer faculdade. "Quem está pronto para tomar uma decisão? Escolher é sempre difícil, em qualquer idade", afirma.